

DE JULIETA À PEÇA-FÓRUM *JULIETS*

Margie/Margarida Gandara Rauen(UNICENTRO e FAP)¹,

Adriano Carvalhaes, Cássia Regina da Silva e Gilmar Rodrigues²

RESUMO: O trabalho considera o processo criativo da peça-fórum *Juliets*, parte da trilogia *Mulher Digital*, autoria e direção de Margie. São abordadas questões da transformação dos papéis da mulher em relação ao pré-texto de Shakespeare e da encenação num ciclo de montagens em nove locais específicos em bairros de Curitiba. Incluem-se considerações da diretora e do elenco sobre a relação com os públicos nas vivências de fórum nesse ciclo.

PALAVRAS-CHAVE: *feminismo, cânone, recepção, teatro fórum*

A peça-forum *Juliets* foi um projeto contemplado no Edital “Arte por Onde Você Anda”, da Fundação Cultural de Curitiba, para oferta de atividades artísticas nas nove regiões da cidade. Este trabalho apresenta reflexões sobre o processo criativo abrangendo o texto e suas realizações cênicas em nove locais específicos.

Do texto

O texto de *Juliets* reflete uma busca feminista de apropriação de peças de William Shakespeare, realizada por Margie a partir de 2003, para utilização com participantes de suas oficinas de teatro e performance, cujo objetivo era problematizar a representação da mulher. O trabalho com trechos escolhidos de peças de Shakespeare para transposição de época e local associado ao Teatro do Oprimido (BOAL, 1991 e 1998), encontra-se, hoje, composto na trilogia *Mulher Digital: Juliets, Ofélias/A-VOID-ING e Sombras de Sycorax*, registrada na SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais) em 2006.

Em todos os casos, o procedimento inicial de dramaturgia foi a seleção de mulheres-tema: Julieta, de *Romeu e Julieta*, Ofelia, da peça *Hamlet* e Sycorax, de *A Tempestade*. A partir dessas personagens, elaboram-se as contradições da mentalidade e do imaginário de seus contextos sócio-

¹ Autora e diretora da peça *Juliets*, resultado de pesquisa pertinente ao seu Grupo de Pesquisa em Artes, do Departamento de Arte-Educação da Universidade Estadual do Centro Oeste. Este artigo relata o processo criativo de *Juliets* e vários aspectos do *work in progress* realizado em Curitiba, em Maio de 2007. [margie-r@hotmail.com]

² Elenco da peça *Juliets* e colaboradores neste artigo. O nome artístico da atriz é Cássia Damasceno.

históricos, priorizando a condição de opressão e as metáforas de amor ou relações proibidas, mulher rejeitada e mulher-excluída, colhidas de Julieta, Ofélia e Sycorax, respectivamente.

O olhar feminista foi articulado a partir da diversidade de posturas verificadas nos discursos de emancipação, por autoras antigas e recentes e em obras sobre a mulher³ (q.v. AUAD, 2003; BAMBERGER ET AL., 1979; CELAYA, 1997; FUGISAWA, 2006; HOLLANDA, 1994; MURARO, 2002). Incorpora-se a contribuição de Alejandra Kollontay (1872-1945), fundadora da teoria sobre a importância das relações entre os sexos para uma sociedade com “nova” moral sexual, sem casamento ou prostituição, com uniões livres e isentas de direito de propriedade entre as pessoas. Também o pensamento de Flora Tristán (1803-1844), sobre a relação entre a inferioridade da mulher e a educação, e o de Clara Zetkin (1857-1933) afirmando a necessidade da entrada da mulher no mercado de trabalho, constituem referências de base para a história de conquista de cidadania, fortalecida com os movimentos trabalhistas e sufragistas em diversos países, na primeira metade do séc. XX. Betty Friedan, reconhecida autora do livro *Mística Feminina* (1963/ ed Brasil. 1971), e fundadora da Organização Nacional das Mulheres (1966), nos Estados Unidos, ilustra nova geração de mulheres que, após os cem primeiros anos de reivindicações e direitos ganhos, problematizaram os estereótipos geralmente aplicados à mulher. Kate Millet, no livro *Sexual Politics* (1969), retomou a discussão das feministas radicais sobre a necessidade da redefinição das relações de gênero para que a sociedade possa ser modificada e também comparou o preconceito sexual ao racial. A partir da década de 70 do séc. XX, na França, tivemos Annie Leclerc. Diferente das intelectuais que reprimem/rejeitam o papel biológico do corpo da mulher (como Simone de Beauvoir), Leclerc considera que as diferenças podem servir para fortalecer, ao invés de prejudicar relacionamentos. Outra corrente, a do feminismo cultural (ex., Mary Daly ou Susan Griffin), que já considera a sexualidade “gay,” aborda a dificuldade de se construir um coletivo histórico feminino porque prevalecem, na sociedade, os sistemas do casamento, da prostituição e da pornografia, enquanto sobrevive a visão da mulher como ser essencialmente maternal e com capacidade de nutrir, metáfora de vida, sendo o homem historicamente ligado à destruição e à morte. Entre inúmeras tendências adicionais das últimas décadas, desde preocupações ecopacifistas até abordagens psicanalíticas de seguimentos diversos, a mulher do 3º milênio herdou as contradições e conquistas de um longo percurso filosófico e político.

Nesse contexto pós-patriarcal da sociedade digital de gêneros e não mais na Verona heterossexual do *Romeu e Julieta* Shakespeareano é que se encontram as personagens de *Juliets*. Por que Juliets? Ao mesmo tempo, para manter a referência com a língua inglesa de Shakespeare e para transformar o conflito de *Romeu e Julieta* em um questionamento das relações entre os gêneros, em que as incertezas afetivas dos Romeus se confundem com as de Julieta. Apesar de as histórias do amor proibido entre famílias ainda serem atuais, a cultura do amor romântico deu lugar à cultura de “ficar,” de experimentar muitos relacionamentos. As Juliets e seus Romeus, portanto, correspondem não apenas à paixão dos adolescentes, mas de qualquer pessoa, homem ou mulher que, lúcida e liberta da ficção Shakespeareana, em nossa época, manifesta as suas dúvidas sobre o amor, os relacionamentos e o seu lugar na sociedade.

No espírito do Teatro Fórum, *JULIETS* é um anti-modelo e expõe essas questões aos seus públicos, que é convidado a discuti-las em cena para cumprir o propósito defendido por BOAL:

³ Os livros da maioria das autoras estrangeiras citadas não estão disponíveis em língua portuguesa.

“Primeiro se destrói a barreira entre atores e espectadores: todos devem representar, todos devem protagonizar as necessárias transformações da sociedade.” (BOAL, 1991, p. 14)

Apresentamos o breve texto para o fórum na íntegra, para melhor informar as considerações a serem feitas sobre as interações com os públicos durante o ciclo.

JULIETS

Não há cenário além do que se encontra no local específico. O texto pode ser levado em qualquer espaço aberto, à luz do dia ou com iluminação teatral. Deve ser apresentado como drama uma vez e depois repetido, para que os espectadores o interrompam e, seguindo-se os procedimentos do Teatro Fórum, interfiram nas cenas e/ou as transformem. O elenco poderá estar em relação frontal com o público na primeira apresentação, mas a relação de arena, com o elenco no centro e o público ao redor, em círculo, é ideal para as duas etapas. O figurino⁴ da atriz é um vestido longo, mesclando tons de roxo e preto e com características de várias épocas e culturas: por exemplo, manga bufante de um lado e manga de quimono japonês do outro, saia que pode remeter ao guerreiro medieval ou ao hábito de freiras. Romeu é apresentado por dois atores. Um veste terno preto lembrando o homem contemporâneo caracterizado por um ator mais maduro, lembra um executivo ou um noivo. O figurino do outro Romeu, mais jovial, lembra a tribo Hiphop. Não há maquiagem de rosto. Esta direção quer evitar a impressão de espetáculo; o elenco se apresenta de rosto limpo, dando a impressão de ser alguém do próprio público, anônimo.

Cena 1

(Uma atriz, Juliet, que faz quebras para construir uma atriz dupla, e dois atores, como Romeu, contracenam. Juliet olha para os Romeus, que estão de costas para ela.)

Juliet: Romeu, eu te amo. Mas eu só tenho 14 anos e meu pai não vai deixar eu namorar o filho de seu maior inimigo, que agora também é assassino de meu primo. (quebra/ timbre e tom)

Juliet dupla: Romeu, eu te amo. Mas eu só tenho 14 anos e meu pai não vai deixar eu namorar o filho de seu maior inimigo, que agora também é assassino de meu primo.

Romeus (falando para o público e depois mudando o tom para responder Ofélia ao mesmo tempo que encontram uma atração gay): Olha só! Ela tá apaixonada. Mas eu não to mais a fim de ficar com ela ... Bom, vou ter que dizer alguma coisa.

Eu juro pela lua que ...

Juliet (interrompendo Romeu): Não jurem pela lua. Ela é muito inconstante. (quebra/ timbre e tom)

Juliet dupla: A lua é muito inconstante.

Romeus: Juro pelo que, então?

⁴ Figurinos por Amabilis de Jesus.

Juliet: Não jurem por nada.

Romeus: Preciso fugir agora. Te amo, Juliet ... quero voltar logo pra te buscar. (Romeus se afastam das Juliets e se colocam no meio do público)

Juliet (de olhos fechados): Venha logo, noite, e traga o meu Romeu. E quando ele morrer, pegue-o e transforme-o em pequenas estrelas. Ele vai deixar o céu tão lindo que o mundo vai se apaixonar pela noite e deixar de adorar o Sol. Romeu, eu te amo. Mas eu só tenho 14 anos e meu pai não vai deixar eu namorar o filho de seu maior inimigo, que agora também é assassino de meu primo. (quebra/ timbre e tom)

Juliet dupla (buscando algum ponto do local): Venha logo, noite, e traga o meu Romeu. E quando ele morrer, pegue-o e transforme-o em pequenas estrelas. Ele vai deixar o céu tão lindo que o mundo vai se apaixonar pela noite e deixar de adorar o Sol. Romeu, eu te amo. Mas eu só tenho 14 anos e meu pai não vai deixar eu namorar o filho de seu maior inimigo, que agora também é assassino de meu primo.

Romeus (já afastados de Juliet ou no meio do público/ dois tons): Preciso fugir agora (Um para o outro). Te amo, Juliet ... quero voltar logo pra te buscar (por cima do ombro).

(Um dos Romeus distribui textos de sites de relacionamento e erotismo virtual, de construção de corpos virtuais e também de políticas de gênero e anúncios de pessoas de programa dos jornais enquanto a pauta termina. Romeus direcionam o público e começam a para o espaço da próxima cena. A atriz fica para trás e depois também se mistura ao público.)

Cena 2

(Os Romeus, agora como atores distanciados, colocam-se no centro da arena/ espaço e, depois de o público sentar, alternam as falas de um solilóquio.)

Atores Romeu: A mulher amada, onde está? O homem amado? A pessoa amada? Ficaram no passado, na vida, na morte. Na morte em vida. O mundo é um palco ou um monitor de computador? Todos os homens e todas as mulheres são atores, cada um com suas entradas e saídas? On line??? Log in, log out, o amor romântico, o casamento romântico, o jogo romântico? O amor, o casamento e o jogo criados para iludir a sociedade? O amor na Internet? O casamento na Internet ou até mesmo o jogo virtual?

(Pausa. Os atores sentam com o público e contemplam a atriz.)

Cena 3

(Entra Juliet, agora como a atriz distanciada, que manipula uma boneca Russa, retirando uma peça de dentro da outra enquanto diz o texto, dirigindo o olhar para diferentes pessoas do público.)

Atriz Juliet: A mulher que contém a(s) outra(s) contém ela mesma?
É ela mesma?
Ou seria a mulher que contém a(s) outra(s) ela mesma mais a(s) outra(s)?
O que é ser si mesma?
Dona e senhora?
Em controle?
Ou simplesmente o resultado da combinação da outra ou das diversas outras?
Como você contém outras?
Quem são outras em você?
Não sabe por onde começar?
Seria mais fácil se fôssemos invólucros como a Vasalisa, retirando cada mulher/boneca da boneca maior.
A mulher maior contém a menor?
OU será contrário?
A mulher menor contém a maior? Já não parece tão fácil.
Maior/menor tamanho forma corpo e/ou intelecto ser ?
O que representa maior e menor para aspectos não materiais?

Conter, diz o Aurélio:

do Latim *continere*.

Verbo transitivo direto.

1. Ter ou encerrar em si; compreender; incluir.
 2. Reprimir, refrear, soffrear;
 3. Moderar o ímpeto de; manter em certos limites;
 4. Refrear-se, reprimir-se, moderar-se;
 5. Manter-se por força de contenção; conservar-se;
 6. Estar incluído; incluir-se;
 7. Consistir; encerrar-se; resumir-se, cifrar-se.
- Conjugação irregular do Presente do Indicativo: contenho, contém, contém, contemos, contendes, contém.

Então *continere* mais parece um verbo humano em geral do que apenas feminino.

O nome do meio do ser humano é *continere*.

Como você contém outras ou outros? Quem são outras ou outros em você?
Não sabe por onde começar?

Eu também poderia dizer ...

E as outras que eu não contenho por circunstância socio-cultural?
Aqui eu me coloco num lugar de branca, cabelos e olhos claros, pensando a(s) outra(s) de outras etnias. Como seria experimentar as diferentes etnias umas das outras?

Aqui eu me coloco num lugar judaico-cristão, pensando a(s) outra(s) de outras religiões e credos. Como seria experimentar as religiões e credos uma das outras?

Aqui eu me coloco num lugar socio-econômico e cultural conveniente, pensando a(s) outra(s) em lugares socio-econômicos e culturais nada convenientes. Como seria experimentar a pobreza, a fome, a dor do estupro, a discriminação? Ninguém quer estar na pele e no pelo das outras ou dos outros que sofrem.

(Os atores vem ao encontro da atriz e juntos conduzem o público para o espaço final e ali realizam um fórum sobre as questões acima e outras relativas ao amor hoje, abrangendo os relacionamentos diferenciados. Os atores agem como coringa., sem induzir, permitindo que as pessoas venham refazer ou, quando não desejarem participar, apenas discutam os temas de sua escolha.) FIM

As experiências de Teatro-Fórum

A peça *Juliets* foi agendada por funcionários da Fundação Cultural de Curitiba nas nove regionais, sem a interferência da produção e com o objetivo de oferecer uma atividade artística em bairros onde não há teatros e centros culturais. Alguns locais são em comunidades de risco. A diretora e o elenco cumpriram essa agenda nas nove regiões da cidade: Bairro Novo, Boa Vista, Boqueirão, Cajuru, Cidade Industrial/ CIC, Matriz, Pinheirinho, Portão e Santa Felicidade.

Para a orientação e direção de elenco, foram priorizadas as técnicas de distanciamento e coringa, de origem brechtiana, com aplicação de teorias de Augusto Boal no processo de ensaios, principalmente sobre o conceito de **espect-ator** (o público participa da ação para vivenciar a sua profundidade social) no teatro Fórum. Além disso, foram estudadas diversas apropriações da peça *Romeu em Julieta*, em cinema e teatro, discutindo-se o tema da transposição.

O estudo sobre a peça *Romeu e Julieta* destacou referências sócio-culturais (temas de gênero) e psicológicas (os arquétipos de Carl Jung), abrangendo os diferentes perfis de mulher, partindo da era patriarcal do século XVI e dialogando com os tempos atuais, neste mundo de várias tribos. A dramaturgia de Shakespeare foi a fonte para a realocação das personagens, Julieta e Romeu em novas épocas e espaço (BROOK). *Juliets* proporciona um olhar crítico sobre a mulher, com o elenco levando o público a discutir posturas e valores nos relacionamentos atuais, inclusive na Internet. *JULIETS* utiliza, portanto, alguns trechos da peça de Shakespeare, traduzidos pela diretora, na produção de um novo texto para a peça-forum. Após as reuniões de estudo, a diretora achou necessário que os ensaios acontecessem nos espaços onde seriam as apresentações para que o elenco pudesse ver como o texto funcionava em cada espaço. Foi uma atitude acertada, evitando que a atriz e os atores formatassem as marcações e também dando-lhes liberdade para criar marcas adequadas para cada espaço, permitindo que a peça fosse vista por pessoas paradas no local ou transeuntes que estivessem por ali. Foram aproveitadas escadarias, bancos de praça, esculturas, pátio escolar com muros pichados, entre outros.

A participação do público no fórum significa a imprevisibilidade. Com a ação coletiva dos espect-atores, cada fórum gerou resultados diferentes. O elenco e a diretora mantiveram um diário, que também informa este artigo. A situação de efetivamente contracenar com públicos muito

diferentes é um desafio que transcende soluções prévias de direção. Apesar de termos discutido marcações alternativas e previsto uma série de possibilidades de argumentação de públicos de diversas faixas etárias, níveis de escolaridade e gêneros, lidar com essa multiplicidade exigiu, do elenco, muita objetividade e equilíbrio emocional, além do repertório ou referências sobre os temas. Em geral, a participação do público realizando cenas a partir dos papéis do elenco foi tímida no início e tendeu a melhorar após as primeiras interferências, que deixavam mais claro como funcionava o fórum. A participação no modo debate sempre antecedeu as entradas em cena e foi bem sucedida em todos os grupos estudados.

As duas experiências iniciais foram com públicos completamente diferentes. Na Regional da CIC, para a estréia, aos 18/05/2007, tivemos um grupo de quarenta adolescentes da Vila Verde, antiga área de invasão, hoje urbanizada, mas região de risco. No Cajuru, dia 21/05/2007, o público era de 80 homens num programa de apoio psicossocial, a maioria em recuperação de dependências químicas diversas, com faixa etária entre 18 e 60 anos.

Na CIC, utilizamos um pequeno salão comunitário. As adolescentes que estavam com vontade de participar colocaram algumas dúvidas com relação a Julieta e em poucos minutos uma delas veio para a cena e viveu uma Julieta, que ficava chorando e esperando pelo Romeu. Explicamos novamente o objetivo do fórum e então foi necessário perguntar se essa Julieta que espera o Romeu estava condizente com os dias atuais. Surgiram outras Juliets e, gradativamente, elas foram achando um modelo próximo ao que estão vivendo. Camila, uma das espect-atrizes, mostrou uma Julieta que, ao invés de esperar o Romeu, tem independência para atitudes de uma mulher forte, incluindo o argumento de ganhar o próprio dinheiro para pagar suas compras.

No Cajuru, apresentamos o anti-modelo numa escadaria do sobrado onde se encontra o CAPS (Centro de Apoio Psicossocial) e realizamos o fórum na garagem. Para nós, quanto mais diferente fosse o espaço melhor; sentíamos que o texto tinha novas formas e outras sonoridades. Esse espaço, ao mesmo tempo caseiro e tímido, proporcionou ótima interação. Na primeira fala em que Romeu diz - Eu te amo Juliet, mas quero voltar logo para te buscar - um homem de uns 30 anos interferiu e então pedimos que ele viesse fazer o Romeu. Ele aceitou pronta e espontaneamente, mas manteve um modelo de Romeu que não produzia nenhuma repressão ao papel da mulher, ou seja, um Romeu romântico. Continuamos e, na última parte do texto, onde a discussão gira em torno da mulher contemporânea, um outro espect-ator veio para a cena e representou uma família em que o pai é ausente e o filho (feito pelo ator Gilmar) deve questionar os motivos de sua ausência, enquanto a mãe torna-se a Julieta cuja família é desestruturada pelo alcoolismo. Este espect-ator tornou-se um diretor da cena e foi envolvendo mais pessoas para que o personagem dele fosse visto como alguém que não tem culpa da situação vivida. Esse modelo não foi ideal, mas provocou interferências, destacando-se a fala de um dos espect-atores, que percebeu a sua necessidade de pedir perdão ao filho, pois diferente do colega em cena, ele ainda não havia tido coragem de chamar o filho para conversar.

Podemos dizer que o trabalho se consolidou a cada apresentação e já sentíamos esse ganho na terceira vivência, realizada aos 22/05/2007 na Regional da Boa Vista, na área externa do Centro de Criatividade do Parque São Lourenço, com o Fórum no Teatro Cleon Jacques, que é um espaço aberto anexo ao Parque, sem palco ou auditório, permitindo, assim, uma ótima situação de arena.

Para a espect-atriz que iniciou o Fórum da Boa Vista, *JULIETS* mostra extremos da realidade. De um lado, a visão romântica do amor, da sociedade que preserva o noivado e o casamento. O outro extremo é o de rejeitar tradições e voltar-se para si, que na opinião dela “é uma

derrocada; não vamos chegar em lugar nenhum ... a gente precisa conseguir ser autêntico.”⁵ O público concorda que cada amor é um amor, não é um formato e tanto mulher quanto homem precisam buscar a sua individualidade, que inclui amigos e trabalho e não só um(a) parceiro(a). Outro espect-ator argumentou que seria interessante “retirar” a tragédia de *Romeu e Julieta*, porque as pessoas não precisam continuar sofrendo: “Os dois podem seguir seu caminho [por exemplo] fazer uma companhia de teatro [risos].” Com esses dados, os atores representaram uma cena em que Julieta não tem mais o perfil de esperar Romeu porque “a vida anda, a fila anda” e ela quer fazer um curso que o pai deu de presente.

Houve vários argumentos em relação ao texto nessa vivência da Boa Vista. Primeiramente, o de que Julieta só tem 14 anos (uma limitação para ser tão liberada) e parece ser riquinha (facilidade de resolver a vida financeiramente). Outras pessoas perceberam que Julieta, na peça, tem duas fases, uma adolescente e a outra de uma mulher madura e, portanto, a adolescente é também uma metáfora da mulher romântica, que pode ter 20, 30, 40 anos ou mais, com aquela mentalidade. Uma das espect-atrizes vê a necessidade de Romeu ser sincero com Julieta, dizendo diretamente a ela que não quer continuar o relacionamento. Uma espect-atriz voluntária e o ator Gilmar representam essa possibilidade: Romeu diz a Julieta que vai embora porque não a ama mais, ao invés de iludi-la com uma falsa discussão. O público pondera que seria interessante colocar o tema financeiro numa cena, porque é isso que dificulta os relacionamentos hoje.

Outro espect-ator adolescente (cerca de 15 anos) vem para a cena na Boa Vista e discute com Julieta (novamente feita pela atriz), acusando-a de que ela não quer só ir para a praia com as amigas, mas “vai zoar.” Para ela, Romeu também deve fazer programas com os amigos dele; Julieta argumenta que quem ama não desconfia, mas este espect-ator diz que não gosta dela e “só estava ficando.” Isso causa um burburinho no público, dividido entre risos e exclamações. Julieta elabora o clima e diz que Romeu mudou quando ela começou a trabalhar. Romeu acaba dizendo que “mulher não tem que trabalhar fora de casa.” Mais espanto no público: o espect-ator era tão jovem, mas com uma mentalidade tão retrógrada. Uma mulher pára a cena e pergunta se o adolescente realmente acredita no que disse e ele confirma. Outra espect-atora adolescente (com cerca de 15 anos) se irrita e diz que o espect-ator Romeu está totalmente errado; ela vem tomar o lugar da atriz na cena, argumentando que o trabalho torna a mulher mais digna e não aceitando a opressão desse Romeu contra o trabalho feminino. Um novo espect-ator (cerca de 10 anos mais velho) parou a cena para tomar o lugar de Romeu e fechar realmente deixando Julieta por motivo de “querer dar um tempo na relação.”

Os desafios da imprevisibilidade e da prontidão na relação do elenco com o público são explícitos neste relato:

Alguns minutos antes de começar, senti [Adriano Carvalhaes] um pouco de apreensão. Normal, pois cada local traz um público e realidades diferentes... lidar com o imprevisível. Não sei quais são as questões ou o que vai ser focado por parte do público. Tudo é muito intenso sempre. Essa proximidade com o público, ao mesmo tempo que me assusta, me alimenta. Hoje tínhamos um grupo maior de adolescentes. Num primeiro momento, houve resistência, que aos poucos foi quebrada por alguns, enquanto outros, até o final, continuam na defensiva. Na repetição, dividimos o texto em blocos ... uma condução é necessária, principalmente quando a maior parte do público é adolescente e, às vezes, lhes falta repertório suficiente, ou há o medo da exposição, ou até mesmo uma auto-estima baixa que era

⁵ Depoimento registrado em vídeo no local, aos 22/05/2007.

o caso de pelo menos um aparte desse grupo. Conseguimos que duas meninas viessem para a cena e propusessem uma outra possibilidade de Julieta, depois da explicação do que é a proposta do teatro Fórum. Logo que começamos os textos dos Romeus, uma menina da platéia nos interrompe, questionando: “Por que Romeu não diz que ama a Julieta olhando pra ela”? A partir daí, surge a questão da homossexualidade e outras pessoas começam a se manifestar. Poucas vem para a cena, só os mais corajosos. **Saldo** para mim desse dia: senti que aproveitei mais todas as oportunidades que surgiram pra fazermos o fórum. Com a experiência das três apresentações anteriores, meu ouvido estava mais sensível e qualquer comentário que surgia, tentei trazer para o fórum. (Adriano, 25/05/07, *Juliets* na Rua da Cidadania do Bairro Novo)

Sobre este processo de adaptação do ator ao fórum, percebe-se o ganho a cada nova experiência, à maneira do “work-in-progress”:

... houve participações, um rapaz veio e fez uma possibilidade de Romeu em cena, algumas Julietas se colocaram e vieram pra cena. A questão de homossexualidade foi levantada sutilmente por algumas pessoas do público, mas nós fizemos com que o tema não fosse deixado de lado e viesse para cena. Foi ótimo. Gostei muito como conduzi o trabalho nesse dia, me sinto cada vez mais seguro, e isso é um ganho como pessoa e, conseqüentemente, ator. Estar ali no centro ao redor das pessoas é uma experiência muito forte, tendo de ouvi-las estar atento aos “modelos” de comportamento que surgem e precisam ser modificados e repensados, lidar com o fato de não concordar com algumas opiniões, mas ao mesmo tempo não poder me colocar de forma impositiva e tentar jogar essas questões para discussão e preferencialmente que elas venham para cena ... torna-se um grande desafio. Saio sempre muito energizado deste trabalho. **Saldo:** estar pleno, me sentir inteiro, podendo exercer meu direito de liberdade de expressão e contribuindo para que as pessoas se exercitem nesse sentido também, sabendo que podemos modificar as coisas e não simplesmente aceitar tudo num eterno conformismo, numa eterna vitimização. Isso me faz me sentir vivo, pleno. (Adriano, 30/05/2007, *Juliets* na Rua da cidadania do Pinheirinho)

Para a atriz Cássia Damasceno, *Juliets* proporcionou desafios desde a estréia até a última apresentação, mesmo agora, que se prepara para uma segunda temporada. Uma preparação que não envolve memorizar textos, fórmulas etc...e sim repertório dos temas que podem ser levantados pelo público e um certo lugar “vazio” – evitando uma rigidez cênica e proporcionando um fluxo de encenação a partir do que o público propõe:

Para meu trabalho de atriz, quando falo deste “vazio” entendo que é necessário uma certa neutralidade de ação e ao mesmo tempo estar em prontidão. Não posso entrar em cena tão pronta, pois tenho que trocar/ improvisar com os/as espect-atores/espect-atrizes. Os meus questionamentos podem não ser os deles, as minhas verdades não podem imperar; por exemplo eu posso ser contra o trabalho infantil...eu não precisei trabalhar enquanto criança...eu estudei, mas, para uma criança que é cobrada pelos pais uma responsabilidade de trazer dinheiro para casa ou é espancada, ficar vendendo flores pelos bares de madrugada é algo indiscutível... trata-se de não ser ingênuo... é aquela história de falar de boneca para uma garota de 9 anos quando ela já está trocando fraldas. (Cássia, reflexão pós-temporada, 6/7/2007)

Cássia enfatiza o retorno do público quando percebemos que conseguiram, no curto período de tempo da peça-fórum, rever algumas atitudes. Porém, o foco deste projeto é que o público atue estas novas atitudes, que esta “nova consciência” não fique só no pensamento – aí está um dos nossos desafios – levar o público sutilmente a atuar seus conflitos. Um outro desafio é ter tato para lidar com ou outros mundos que não são os nossos: a violência que se torna algo trivial em alguns bairros (como dizer a essas pessoas que a violência não é o melhor caminho, sendo que muitas nasceram neste meio, viveram situações que, para nós, são inimagináveis). Num fórum, a atriz Cássia perguntou, muito segura, do pai de uma criança pequena e esta disse que não tinha pai – Cássia lembra: “engoli as imagens que passaram pela minha cabeça e dei continuidade para não me fragilizar em cena...” Portanto, o fator emocional, o limiar do efeito de catarse se torna um outro desafio para o elenco: nosso objetivo não é sofrer junto com o público e sim enxergar outras possibilidades de resolução com o espectador. É um exercício: “O coringa no teatro fórum precisa aumentar seu grau de percepção para que encontre na fala do público um modelo a ser dramatizado, para assim gerar outro modelo e encontrar uma saída para o conflito discutido” (Gilmar, reflexão pós-temporada, 6/7/2007).

Juliets alcançou um público de cerca de 850 pessoas. No breve espaço deste artigo, não podemos expandir os detalhes de todas as vivências. Cumprimos o objetivo de compartilhar o nosso trabalho com a comunidade acadêmica. O estudo comparado de Shakespeare enfatiza o encontro de influências de sua obra em outros autores, nos limites da intemporalidade e universalidade de seus temas. A pesquisa comparativa, no entanto, também pode levar ao questionamento. *Juliets* e as outras peças da trilogia *Mulher Digital* apostam na contestação, e não na monumentalização de suas fontes. Representar as peças de Shakespeare como elas são é fixar a violência inerente a elas. A apropriação com um critério contra-discursivo aliada ao teatro fórum proporciona, aos espectadores mais do que o simples papel de “testemunhas da tragédia” (BOAL, 1998, p. 321), incitando-os a pensar em comportamentos para superar ou evitar a tragédia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUAD, D. **Feminismo: que história é essa?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BAMBERGER, Joan; ROSALDO, Michelle Z & LAMPHEKE, Louise (coorden.). **A Mulher, a Cultura e a Sociedade**. Trad. Cila Ankier e Rachel Gorenstein. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991 (1 ed. 1975).

---. **Jogos para atores e não-atores ...** Ed. revista e ampliada. RJ: Civilização Brasileira, 1998.

BRECHT, Bertolt. **Estudos sobre teatro**. Trad. Fiamma Pais Brandão. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BROOK, Peter. “O que é um Shakespeare.?” IN **O Ponto de Mudança**. 2 ed. Trad. Antônio Mercado e Elena Gaidano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995, p. 99-141.

CELAYA, R. D. **La Mujer en el Mundo**. Madrid: Acento Editorial, 1997.

FRIEDAN, Betty. **Mística feminina**. Trad. Aúrea B Weissenberg. Petrópolis: Vozes, 1971 (co. 1663).

FUJISAWA, Marie Suzuki. **Das Amélias às Mulheres Multifuncionais**. A emancipação feminina nos comerciais de televisão. São Paulo: Summus, 2006.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.) **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MURARO, Rose Marie. **A Mulher no terceiro Milênio**. 8 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002 (1 ed. 1993).